

# CRIATIVIDADE E IMPROVISAÇÃO CULTURAL DEZ ANOS DEPOIS: UMA ATUALIZAÇÃO<sup>66</sup>

CREATIVITY AND CULTURAL IMPROVISATION TEN YEARS ON: AN UPDATE

CRÉATIVITÉ ET IMPROVISATION CULTURELLE DIX ANS PLUS TARD: MISE À JOUR

CREATIVIDAD E IMPROVISIÓN CULTURAL DIEZ AÑOS DESPUÉS: UNA ACTUALIZACIÓN

## Tim Ingold

University of Aberdeen, Department of Anthropology, School of Social Science, School of Social Science, Scotland, UK

## Elizabeth Hallam

University of Oxford, School of Anthropology and Museum Ethnography; and Department of Anthropology, School of Social Science, Aberdeen, Scotland, UK

## Tradução de Patricia Reinheimer

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil

**RESUMO:** Mais de dez anos se passaram desde que escrevemos a introdução para o livro *Criatividade e Improvisação Cultural*. Tinha sido uma tarefa assustadora, não apenas por causa do caráter variável das nossas palavras-chave. Se era muito difícil definir o conceito de cultura; a definição dos conceitos de criatividade e de improvisação era quase impossível. Estes últimos termos, no entanto, colocaram desafios diferentes. Notamos, em 2007, que o conceito de criatividade atraía muito mais atenção crítica do que o conceito de improvisação, e esse continua sendo o caso. A literatura sobre criatividade explodiu, embora mais fora do que dentro da antropologia, em áreas como psicologia cognitiva, inteligência artificial, educação e administração. Discussões sobre improvisação, por outro lado, permanecem em grande parte confinadas a estudos de desempenho experimental, situados na música, no teatro e na dança. Distribuídos entre domínios disciplinares separados, cada um ainda é discutido isoladamente passados 10 anos.

**Palavras-chave:** cultura, criatividade, improvisação cultural, antropologia.

**ABSTRACT:** More than ten years have passed since we wrote the introduction to the book *Cultural Creativity and Improvisation*. It had been a frightful task, not just because of the variable character of our keywords. If it was very difficult to define the concept of culture; the definition of the concepts of creativity and improvisation was almost impossible. The latter terms, however, put different challenges. We noted in 2007 that the concept of creativity attracted much more critical attention than the concept of improvisation, and this remains. The literature on creativity has exploded, even more so than within anthropology, in areas such as cognitive psychology, artificial

---

<sup>66</sup> Este registo de pesquisa contém a tradução para o português de dois relevantes escritos de Tim Ingold e Elizabeth Hallam. Começa com um texto inédito que os autores escreveram especialmente para esta edição, revendo a *Introdução* – designada pelos próprios autores como *Creativity and cultural improvisation ten years on: an update* – de sua autoria à coletânea *Creativity and Cultural Improvisation* (Hallam, Elizabeth; Ingold, Tim, (orgs.), 2007, Oxford, New York: Berg). O segundo texto é a tradução da referida *Introdução* da coletânea de 2007, intitulada *Criatividade e Improvisação Cultural: uma Introdução*. Com o incentivo e apoio de Lígia Dabul, Patricia Reinheimer e Camila Damico Medina assumiram a tradução dos trabalhos de Ingold e Hallam. As editoras agradecem a todos a oportunidade de publicar os referidos textos no Volume 1, número 2 da revista *Todas as Artes – Revista Lusófona de Sociologia da Cultura e das Artes* (Nota das Editoras).

intelligence, education, and administration. Discussions about improvisation, on the other hand, remain largely confined to experimental performance studies in music, theater, and dance. Distributed between separate disciplinary domains, each is still discussed in isolation after 10 years.

**Keywords:** culture, creativity, cultural improvisation, anthropology.

**RÉSUMÉ:** Plus de dix ans ont passé depuis que nous avons écrit l'introduction du livre *Créativité et Improvisation Culturelle*. La tâche avait été ardue, pas uniquement à cause du caractère variable de nos mots clés. S'il était très difficile de définir le concept de culture; la définition des concepts de créativité et d'improvisation était presque impossible. Ces derniers termes posaient cependant des problèmes différents. Nous avons noté en 2007 que le concept de créativité attirait beaucoup plus l'attention critique que le concept d'improvisation, et cela reste le cas. La littérature sur la créativité a explosé, plus encore que dans l'anthropologie, dans des domaines tels que la psychologie cognitive, l'intelligence artificielle, l'éducation et l'administration. Les discussions sur l'improvisation, par contre, restent largement confinées aux études de performance expérimentale en musique, théâtre et danse. Répartis entre différents domaines disciplinaires, chacun de ces domaines fait encore l'objet d'une discussion isolée après 10 ans.

**Mots-clés:** culture, créativité, improvisation culturelle, anthropologie.

**RESUMEN:** Más de diez años han pasado desde que escribimos la introducción para el libro *Creatividad e Improvisación Cultural*. Había sido una tarea aterradora, no sólo por el carácter variable de nuestras palabras clave. Si era muy difícil definir el concepto de cultura; la definición de los conceptos de creatividad y de improvisación era casi imposible. Estos últimos términos, sin embargo, plantearon desafíos diferentes. En 2007, observamos que el concepto de creatividad atraía mucho más atención crítica que el concepto de improvisación, y ese sigue siendo el caso. La literatura sobre creatividad explotó, aunque más fuera de lo que dentro de la antropología, en áreas como psicología cognitiva, inteligencia artificial, educación y administración. Las discusiones sobre improvisación, por otro lado, permanecen en gran parte confinadas a estudios de performance experimental, situados en la música, en el teatro y en la danza. Distribuidos entre dominios disciplinarios separados, cada uno todavía se discute aisladamente después de 10 años.

**Palabras-clave:** cultura, creatividad, improvisación cultural, antropología.

Mais de dez anos se passaram desde que escrevemos nossa introdução para o livro *Criatividade e Improvisação Cultural*. Tinha sido uma tarefa assustadora, não apenas por causa do caráter variável de nossas palavras-chave. Se a cultura era difícil o suficiente de definir, criatividade e improvisação eram quase impossíveis. Estes últimos termos, no entanto, colocaram desafios diferentes. Notamos, na época, que o conceito de criatividade atraía muito mais atenção crítica do que o conceito de improvisação, e assim continua. A literatura sobre criatividade explodiu, embora mais fora do que dentro da antropologia, em áreas como a psicologia cognitiva, a inteligência artificial, a educação e a administração. As discussões sobre a improvisação, por outro lado, permanecem em grande parte confinadas a estudos de desempenho experimental, como na música, no teatro e na dança. Distribuídos entre domínios disciplinares separados, cada um ainda é discutido isoladamente um do outro. O objetivo principal no volume, no entanto, era unir criatividade e improvisação, mostrar que a improvisação é, em essência, criativa e a criatividade, necessariamente, improvisada, e mostrar, além disso, que nesse acoplamento reside a dinâmica fundamentalmente generativa da vida social e da produção cultural.

Ambos os termos, criatividade e improvisação, foram alvo de muitas críticas. Muitos antropólogos sugeriram que a ideia de criatividade, em particular, tornou-se tão comum e mercantilizada nos discursos que seria melhor negá-la, ou pelo menos tratá-la como um objeto de reflexão crítica, ao invés de incorporá-lo em nosso próprio *kit* de ferramentas conceituais. Nós também nos colocamos essas perguntas muitas vezes. Não há nada novo, claro, sobre a ideia de criação, no sentido de trazer algo - ou mesmo um *mundo inteiro* - à existência. O problema está na inflexão gramatical que leva da "criação" ao "criativo" e conseqüentemente à "criatividade". Pois, se o primeiro movimento atribui a origem das coisas ao atributo de qualificação de um agente, o segundo transforma esse atributo numa capacidade interior, da qual as coisas criadas são apenas manifestações exteriores. De fato, a criatividade tem sido amplamente considerada como um misterioso fator-X, escondido em algum lugar dentro do cérebro de alguns, ou de todos, indivíduos humanos, alimentando uma verdadeira explosão de expressão cultural. Assim como a inflexão que leva da "produção" ao "produtivo" e daí à "produtividade", o apelo à criatividade revela uma lógica de mercantilização que julga um processo pela novidade dos seus produtos (Ingold, 2014).

É possível falar de criatividade sem evocar tal lógica? Enquanto a criatividade for equiparada à inovação, a resposta é não. Pensar na criatividade como improvisação, no entanto, oferece uma alternativa. Aderindo ao desempenho, e não a uma capacidade ou seus produtos, o conceito de improvisação é menos vulnerável à acusação de mercantilização. Em vez disso, ajuda-nos a nos afastar da obsessão com a novidade dos produtos criados, tão característica de nossa cultura de

consumo orientada para o mercado, para nos concentrarmos nas atividades e nos processos que as originam. Com a improvisação, encontramos a criatividade desses processos não nos projetos colocados antes deles, mas nos compromissos com ferramentas, com materiais e com as outras pessoas que eles envolvem (Ingold, 2013). Os produtores, sentindo seus caminhos no cumprimento de suas tarefas, são obrigados a atender e a responder às condições em constante mudança do trabalho à medida que ele se desenrola. Atenção e resposta estão no coração disso. Mas também a liberdade. Como nos esforçamos para mostrar, há liberdade real na improvisação. Essa liberdade, no entanto, não se opõe à necessidade, como a liberdade individual à predeterminação mecânica, mas nasce da necessidade de atender – no sentido de escutar, assistir, cuidar – às coisas e às maneiras pelas quais elas acontecem. É a liberdade que liga todo praticante a umnexo de relações em constante desdobramento com os outros. Como tal, a liberdade de improvisar é uma condição tanto para a continuidade social quanto para a renovação cultural.

Os inovadores começam com ideias em mente, supostamente sem precedentes. Lançando seus projetos sobre o mundo, é como se eles estivessem acima da luta, fora das ações que as suas intenções colocaram em movimento. Os improvisadores, pelo contrário, estão sempre *dentro* da ação. O que eles alcançam também é alcançado neles. Eles estão infinitamente a criar-se a si mesmos, tanto quanto o mundo do qual fazem parte. Não há uma separação clara, entre fazer e gerar, ou entre fabricar e ser “submetido a”. Tem sido uma convenção pensar no fazer como a imposição proativa do design, como na manufatura de artefatos, e na geração como o que acontece organicamente, por conta própria, como no crescimento de animais e de plantas. Nós pensamos na fabricação na voz ativa, e no “ser submetido a” na voz passiva. Mas e se o fazer fosse abrangido na geração, ou o fabricar fosse abrangido no “ser submetido a”? E se fazer coisas fosse participar de dentro da autogeração do mundo? E se nossos atos não pertencessem a nós individualmente, mas à história? Como esperamos ter mostrado, arrancar a criatividade da sua conexão com a inovação e juntá-la à improvisação, é também mudar o *locus* da própria criatividade dentro das cabeças dos indivíduos para o nexorelacional no qual eles estão necessariamente imersos. Criatividade, em suma, não é uma função de proeza cognitiva individual. É bastante equivalente ao potencial gerativo de uma ecologia de relações.

Desde 2007, quando nossa introdução à *Creativity and Cultural Improvisation* foi publicada, novos trabalhos apareceram nas disciplinas das artes e das ciências sociais, explorando a questão da criatividade nos campos da música e do desempenho (Clarke & Doffman, 2017, Heble & Caines, 2015 ), arte (Giuffre, 2016), design (Julier & Moor, 2009; Darbellay, Moody & Lubart, 2017) e filosofia (Krausz, Dutton & Bardsley, 2009). Dentro da antropologia, estudos recentes sobre criatividade têm-se preocupado, por exemplo, com a produção cultural (Svašek &

Meyer, 2016), colaboração (Ravetz, Kettle & Felcey, 2017), negócios (Moeran, 2016) e práticas em escolas de arte (Chumley, 2016). Na nossa própria pesquisa, continuamos a desenvolver o trabalho em torno da criatividade como um modo de improvisação que, como argumentamos em nossa introdução de 2007, é *generativo, relacional e temporal*. Com base nesses *insights* e nos capítulos de nosso volume que destacaram a dinâmica criativa das formações culturais ao longo do tempo - como escrever, sonhar, dramatizar, dançar, política e fotografia -, passamos a trazer processos de criatividade como improvisação cultural para o foco através de explorações dos processos inter-relacionados de fazer e criar<sup>67</sup>. Propusemos a noção de "antropo-ontogenético" para capturar a generatividade dos processos implicados na emergência de formas e pessoas, que cortam as distinções entre o que é feito e o que é cultivado, ou entre artefatos e organismos (Ingold & Hallam, 2014: 5; ver também Ingold, 2015: 120-4). Dentro dessa ecologia de relações, a criatividade está emaranhada em processos de composição e desintegração - da produção e dissolução de formas - que necessariamente atraem componentes não-humanos, assim como humanos. Além das dimensões generativa, relacional e temporal da improvisação cultural, poderíamos agora adicionar uma quarta dimensão, a *material*.

Embora a nossa introdução de 2007 aponte para a importância dos materiais dentro dos processos de improvisação cultural, não demos muita atenção a isso na época. Desde então, no entanto, as dimensões materiais e sensoriais do mundo vivido tornaram-se focos-chave de interesse antropológico (ver Ingold, 2012, 2013; Hallam, 2016; Harvey et al., 2013, Pink, 2010). Na época argumentamos que a criatividade é o que "os seres vivos sofrem enquanto fazem seu caminho através do mundo" e que isso está acontecendo 'todo o tempo, nas circulações e fluxos dos materiais que nos cercam e dos quais nós somos feitos' (Ingold e Hallam, 2007:11). Como observamos em *Making and Growing* (2014), e como passamos a discutir em nosso trabalho subsequente, esses processos destroem as divisões claras entre o interno e o externo e envolvem os mortos tanto quanto os vivos. Os movimentos, as misturas e as capacidades criativas dos materiais em si constituem um terreno fértil para as nossas futuras explorações e fundamentaram muitos trabalhos recentes sob a rubrica do "novo materialismo" (Coole & Frost, 2010).

Outro aspecto importante da criatividade como improvisação cultural que identificamos em 2007 é a *maneira como funcionamos*, tanto em nossa vida cotidiana quanto na prática da antropologia. A atenção reflexiva na prática antropológica e as possibilidades abertas pelos modos experimentais de pesquisa foram trazidas à tona em nosso volume (por exemplo, Ravetz, 2007, Mafra, 2007), especialmente na seção do livro sobre a criatividade do ensino antropológico.

---

<sup>67</sup> No sentido de cultivar plantas, criar crianças e outros animais não-humanos (Nota da Tradutora).  
Criatividade e improvisação cultural dez anos depois: uma atualização ■ Tim Ingold, **[139]**  
Elizabeth Hallam, Patricia Reinheimer e Camila Damico Medina

Prefigurado em um desenho na capa do livro (que recebeu comentários posteriores em Strathern & Stewart, 2016), chamamos a atenção para diferentes formas de trabalhar em antropologia e avançamos em várias direções antropológicas com experimentos com desenho (ver Ingold, 2011), exposições (ver Gunn, 2009), instalações (Hallam, no prelo) e publicações que reúnem práticas de design, imagens e texto de maneira produtiva (ver Hallam, 2015, Ingold, 2017). Além disso, como mostraram Schneider e Wright (2013), as formas como os antropólogos trabalham continuam a se desenvolver e mudar através de colaborações com artistas, por exemplo, e através de intervenções criativas com uma variedade de mídias. Revisitando o nosso trabalho, dez anos depois, vemos até onde é possível levar o conceito e a prática da improvisação cultural, mas também vemos que ainda há muito a ser feito. Com esta nova tradução, esperamos que a nossa introdução de 2007 continue a gerar respostas produtivas e críticas no mundo da antropologia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chumley, Lily (2016). *Creativity class: Art School and culture work in Postsocialist China*. Princeton: Princeton University Press.
- Clarke, Eric, & Doffman, Mark (2017). *Distributed creativity: Collaboration and improvisation in contemporary music*. Oxford: Oxford University Press.
- Coole, Diana, & Frost, Samantha (2010). *New materialisms: Ontology, agency, and politics*. Durham: Duke University Press.
- Darbellay, Frédéric, Moody, Zoe, & Lubart, Tood (eds.) (2017). *Creativity, design thinking and interdisciplinarity*. Singapore: Springer.
- Giuffre, Katherine (2016). *Collective Creativity: Art and society in the South Pacific*. London: Routledge.
- Gunn, Wendy (Ed.) (2009). *Fieldnotes and sketchbooks: Challenging the boundaries between descriptions and processes of describing*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Hallam, Elizabeth (ed.) (2015). *Designing bodies: Models of human anatomy from wax to plastic*. London: Royal College of Surgeons of England.
- Hallam, Elizabeth (2016). *Anatomy museum: Death and the body displayed*. London: Reaktion.
- Hallam, Elizabeth (in press). Objectspaces? Sensory engagements and museum experiments. In Peter Bjerregaard (ed.). *Exhibitions as Research: Experiments in Museums*. London: Routledge.
- Hallam, Elizabeth & Ingold, Tim (eds.) (2014). *Making and growing: Anthropological studies of organisms and artefacts*. Farnham: Ashgate.
- Harvey, Penelope et al. (eds.) (2013). *Objects and materials: A Routledge Companion*. London: Routledge.
- Heble, Ajay, & Caines, Rebecca (eds.) (2015). *The improvisation studies reader: Spontaneous acts*. London: Routledge.
- Ingold, Tim (ed.) (2011). *Redrawing anthropology: Materials, movements, lines*. Farnham: Ashgate.
- Ingold, Tim (2012). Toward an Ecology of Materials. *Annual Review of Anthropology*, 41, pp.427-442.
- Ingold, Tim (2013). *Making: Anthropology, archaeology, art and architecture*. London: Routledge.
- Ingold, Tim (2014). The Creativity of Undergoing. *Pragmatics and Cognition*, 22, pp. 124-139.
- Ingold, Tim (2015). *The life of lines*. London: Routledge.
- Ingold, Tim (2017). *Correspondences*. Aberdeen: University of Aberdeen.
- Ingold, Tim & Hallam, Elizabeth (2007). Creativity and Cultural Improvisation: An Introduction. In Elizabeth Hallam & Tim Ingold (eds.). *Creativity and cultural improvisation*. Oxford: Berg, pp. 1-24.
- Ingold, Tim & Hallam, Elizabeth (2014). Making and growing: an introduction. In Elizabeth Hallam & Tim Ingold (eds.). *Making and growing: Anthropological studies of organisms and artefacts*. Farnham: Ashgate, pp. 1-24.
- Julier, Guy & Moor, Liz (eds.) (2009). *Design and creativity: Policy, management and practice*. Oxford: Berg.
- Criatividade e improvisação cultural dez anos depois: uma atualização ■ Tim Ingold, **[140]** Elizabeth Hallam, Patricia Reinheimer e Camila Damico Medina

- Krausz, Michael, Dutton, Dennis & Bardsley, Karen. (eds.) (2009). *The idea of creativity*. Leiden: Brill.
- Mafra, Clara (2013). A world without anthropology. In Elizabeth Hallam & Tim Ingold (eds.) *Creativity and cultural improvisation*. Oxford: Berg, pp. 307-20.
- Moeran, Brian. (2016). *The business of creativity: Toward an anthropology of worth*. London: Routledge.
- Pink, Sarah. (2010). The future of sensory anthropology/the anthropology of the senses. *Social Anthropology/Anthropologie Sociale*, 18, pp. 331-340.
- Ravetz, Amanda (2007). From documenting culture to experimenting with cultural phenomena: Using fine art pedagogies with visual anthropology students. In Elizabeth Hallam & Tim Ingold (eds.) *Creativity and cultural improvisation*. Oxford: Berg, pp. 247-65.
- Ravetz, Amanda, Kettle, Alice & Felcey, Helen (eds) (2017). *The collaboration of craft*. London: Bloomsbury.
- Schneider, Arnd & Wright, Chirstopher (eds.) (2013) *Anthropology and art practice*. London: Bloomsbury.
- Strathern, Andrew, & Stewart, Pamela (2016). Art: Performance, identity, and ownership – Preface. In Katherine Giuffre (eds.). *Collective creativity: Art and society in the South Pacific*. London: Routledge, pp. xi-xvi.
- Svašek, Maruska, & Meyer, Birgit (eds.) (2016). *Creativity in transition: Politics and aesthetics of cultural production across the globe*. Oxford: Berghahn.

**Tim Ingold.** Professor Emérito de Antropologia Social da Universidade de Aberdeen, e Membro da British Academy e da Royal Society de Edimburgo. Morada: Department of Anthropology, School of Social Science, University of Aberdeen, Aberdeen AB24 3QY, Scotland, UK. E-mail: tim.ingold@abdn.ac.uk. ORCID 0000-0001-6703-6137.

**Elizabeth Hallam.** Investigadora Associada da Escola de Antropologia e do Museu de Etnografia da Universidade de Oxford. Investigadora Sênior Honorária no Departamento de Antropologia da Universidade de Aberdeen. Morada: Department of Anthropology, School of Social Science, University of Aberdeen, Aberdeen AB24 3QY, Scotland, UK. E-mail: elizabeth.hallam@anthro.ox.ac.uk. ORCID 0000-0001-6703-6137.

**Patricia Reinheimer.** Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Morada: Rodovia BR 466 Km 07, Zona Rural Seropédica RJ 23890-000, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: patriciareinheimer2007@gmail.com. ORCID 0000-0003-4779-244X.

Receção: 21-12-2018

Aprovação: 09-01-2019

#### Citação:

Ingold, Tim & Hallam, Elizabeth (2018). Criatividade e improvisação cultural dez anos depois: uma atualização. Tradução de Patricia Reinheimer. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 1(2), pp. 135-141. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav1n2r1